



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMIÁRIDO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE BACHARELADO EM DIREITO**

BRUNA LETÍCIA DE LIMA THOMÁS

**TIKTOK, ESPOSA TROFÉU E ECONOMIA DO CUIDADO: A
“GOURMETIZAÇÃO” DO PATRIARCADO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
A VIOLÊNCIA PATRIMONIAL A PARTIR DA ANÁLISE DOS VÍDEOS DA
INFLUENCIADORA BRUNA TESTONI**

**MOSSORÓ/RN
2025**

BRUNA LETÍCIA DE LIMA THOMÁS

**TIKTOK, ESPOSA TROFÉU E ECONOMIA DO CUIDADO: A
“GOURMETIZAÇÃO” DO PATRIARCADO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
A VIOLÊNCIA PATRIMONIAL A PARTIR DA ANÁLISE DOS VÍDEOS DA
INFLUENCIADORA BRUNA TESTONI**

Monografia apresentada ao Curso de Direito, do Departamento de Ciências de Ciências Sociais Aplicadas do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, da Universidade Federal Rural do Semi-árido, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Orientador/a: Prof^ª. Dra. Rayane Cristina de Andrade Gomes

**MOSSORÓ/RN
2025**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

T
454t Thomás, Bruna Letícia de Lima.
TikTok, esposa troféu e economia do cuidado: a
"gourmetização" do patriarcado e suas implicações
para a violência patrimonial a partir da análise
dos vídeos da influenciadora Bruna Testoni / Bruna
Letícia de Lima Thomás. - 2025.
51 f. : il.

Orientador: Rayane Cristina de Andrade Gomes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Direito, 2025.

1. TikTok. 2. esposa troféu. 3. violência
patrimonial. 4. economia do cuidado. 5.
?gourmetização? do patriarcado. I. Gomes, Rayane
Cristina de Andrade, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Biblioteca Campus Mossoró / Setor de Informação e Referência
Bibliotecária: Keina Cristina Santos Sousa e Silva
CRB: 15/120

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

BRUNA LETÍCIA DE LIMA THOMÁS

**TIKTOK, ESPOSA TROFÉU E ECONOMIA DO CUIDADO: A
“GOURMETIZAÇÃO” DO PATRIARCADO E SUAS IMPLICAÇÕES PARA
A VIOLÊNCIA PATRIMONIAL A PARTIR DA ANÁLISE DOS VÍDEOS DA
INFLUENCIADORA BRUNA TESTONI**

Monografia apresentada ao Curso de Direito, do Departamento de Ciências de Ciências Sociais Aplicadas do Centro de Ciências Sociais Aplicadas e Humanas, da Universidade Federal Rural do Semi-árido, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Direito.

APROVADO EM: __/__/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Rayane Cristina de Andrade Gomes (UFERSA)
Presidente

Prof^a. Dra. Lizziane Souza Queiroz (UFERSA)
Examinadora

Prof^a. Adriele Jailra de Moraes Luciano (UFERSA)
Examinadora

*À minha mãe, por ser inspiração para esta
escrita.*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por ter segurado minha mão durante todo o caminho e ter ouvido cada pedido meu. Sua luz sempre me guiou quando acreditei estar perdida.

Aos meus pais, Luênia e Thomás, por toda proteção, amor, conselhos e, especialmente, por nunca duvidarem da minha capacidade ou potencial. Sem a batalha diária de vocês, sozinha eu jamais conseguiria chegar aonde cheguei. A conclusão da minha graduação não é só uma vitória minha, mas também nossa.

Às minhas irmãs, Laisa e Bianca, por serem minhas confidentes, melhores amigas e as pessoas mais leais que tenho em minha vida e partilharem de cada sorriso e lágrima ao meu lado.

Sou grata também a Kaio, meu melhor amigo e companheiro de vida, fundamental em todo meu percurso, que segurou minha mão, me encorajou e me amou mais do que eu mesma poderia fazer. Você me dá força para continuar e acreditar que tudo vai dar certo no final.

À minha orientadora, Professora Rayane Andrade, por ter guiado minha pesquisa com as melhores sugestões, mas acima de tudo ter acolhido e aprimorado cada ideia minha. Muito além de uma orientadora, também foi um abraço amigo, que me acolheu em momentos difíceis e fez o processo da pesquisa ser o mais tranquilo possível.

Aos meus avós, Tomaz Neto, Edvaldo, Conceição e Lúcia, por acreditarem tanto em mim e no que eu sou. Vocês me moldaram e me criaram para ser uma pessoa melhor e útil nesse mundo.

Às minhas tias e tios, Everton, Erisberto, Talizy e Tâmira, por todo cuidado e atenção de sempre. Tenho vocês como inspiração.

Aos meus primos, Valentina, Joaquim, Júlia, Theo, Ísis, Lis, Maria Eduarda e Heitor, nos dias ruins, a companhia de vocês sempre me alegrou e melhorou o meu dia.

Às minhas amigas, Luana, Maria Luísa Dantas, Damares e Maria Luísa Firmino, por me apoiarem em cada processo durante a graduação, como também em todos os momentos da minha vida durante os últimos cinco anos. Vocês não são só minhas colegas de curso, mas também são minhas amigas de vida.

À Letícia Castro, Aianny e Eric pela lealdade e fidelidade à nossa amizade.

Por fim, sou grata por ter sido presenteada com cinco amigas, irmãs por escolha, Thammy, Ésia, Júlia, Helena e Letícia, que estão na minha vida desde os meus seis anos de idade e comemoraram comigo cada batalha que já venci. Sei que vocês são minhas grandes incentivadoras.

RESUMO

O presente trabalho monográfico discute a popularização da *trend* esposa troféu no TikTok por meio de três vídeos coletados do perfil de Bruna Testoni, influenciadora digital objeto de análise. Com a divisão de três categorias de discussão, quais sejam, violência patrimonial, economia do cuidado e “gourmetização” do patriarcado, o debate teórico quanto aos vídeos selecionados foi construído a partir de conceitos de estereótipos de gênero, desvalorização do trabalho de cuidado doméstico, violência patrimonial contra mulheres em situação de dependência financeira e atos performativos de gênero. Busca-se através deste estudo entender como as esposas troféu são objetos de reforço para o sistema patriarcal e como a produção de conteúdos sobre o tema pode corroborar com a rememoração de narrativas condizentes com a dominação do gênero feminino. Além disso, objetiva-se também salientar como a *trend* funciona como uma reinvenção do patriarcado para atingir seus interesses em maior escala, por meio da viralização de conteúdos que deturpam suas reais características de opressão, trazendo um teor de glamourização para a rotina vivida pelas esposas troféu.

Palavras-chave: TikTok; esposa troféu; *trend*; violência patrimonial; economia do cuidado; “gourmetização” do patriarcado.

ABSTRACT

This monograph discusses the popularization of the trophy wife trend on TikTok through three videos collected from the profile of Bruna Testoni, a digital influencer who is the subject of this analysis. With the division of three categories of discussion, namely, patrimonial violence, care economy and “gourmetization” of the patriarchy, the theoretical debate regarding the selected videos was constructed based on concepts of gender stereotypes, devaluation of domestic care work, patrimonial violence against women in situations of financial dependence and performative acts of gender. This study seeks to understand how trophy wives are objects of reinforcement for the patriarchal system and how the production of content on the subject can corroborate the remembrance of narratives consistent with the domination of the female gender. In addition, it also aims to highlight how the trend functions as a reinvention of the patriarchy to achieve its interests on a larger scale, through the viralization of content that distorts its real characteristics of oppression, bringing a degree of glamorization to the routine lived by trophy wives.

Keywords: TikTok; trophy wife; *trend*; patrimonial violence; care economy; “gourmetization” of the patriarchy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Página “ <i>For You</i> ” do TikTok.....	13
Figura 2 – Aba de pesquisa do TikTok.....	15
Figura 3 – Perfil de Bruna Testoni no TikTok.....	16
Figura 4 – Vídeos publicados por Bruna Testoni.....	17
Figura 5 – Print do vídeo da categoria 1.....	22
Figura 6 – Print do vídeo da categoria 2.....	31
Figura 7 – Primeiro print do vídeo da categoria 3.....	36
Figura 8 – Segundo print do vídeo da categoria 3.....	36

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 DO SURGIMENTO AO STATUS DE FENÔMENO MUNDIAL: UMA BREVE APRESENTAÇÃO AO TIKTOK	13
2.1 TikTok: Surgimento e funcionalidades.....	13
2.2 <i>Trend</i> esposa troféu e sua aparência para os usuários	15
3 CATEGORIA 1: COMO A VIOLÊNCIA PATRIMONIAL PODE SE MANIFESTAR A PARTIR DA <i>TREND</i> ESPOSA TROFÉU?	20
3.1 A construção legislativa da violência patrimonial.....	20
3.2 “Meu marido bloqueou meu cartão de crédito!”: Esposa troféu e a perpetuação da dependência financeira como sinal de proteção.....	22
4 CATEGORIA 2: <i>TREND</i> E DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DE CUIDADO: SERÁ QUE AS ESPOSAS TROFÉU REALMENTE NÃO TRABALHAM?	27
4.1 A reprodução digital da divisão sexual do trabalho	27
4.2 As mulheres negras também são troféus?	29
4.3 “Sou esposa troféu e não trabalho!”: a falta de reconhecimento do cuidado doméstico enquanto uma forma de trabalho	31
5 CATEGORIA 3: A “GOURMETIZAÇÃO” DO PATRIARCADO E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	35
5.1 Reinvenção do patriarcado e esposas troféu	35
5.2 Atos performativos e contexto simbólico: o porquê da “gourmetização”	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	50
ANEXO A.....	50
ANEXO B.....	50
ANEXO C.....	50

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a pandemia da COVID-19, em razão da necessidade de distanciamento social, aumentou o uso de redes sociais como o TikTok, que, segundo Marta Garcia (2024), proporcionou a aproximação de pessoas, funcionando, ainda, como uma válvula de escape em um momento de colapso da saúde mundial, em razão da sua capacidade de oferecer entretenimento e conexão social em um período de isolamento e incerteza.

Por ser uma rede social caracterizada por vídeos curtos e, a partir da aba *For You*¹, adaptada de acordo com o gosto individual do usuário (Bastos et al., 2021), o TikTok tornou-se um fenômeno global, sendo capaz de moldar comportamentos e criar tendências de moda, podendo elevar desde os números de venda de uma marca até definir a música mais ouvida do ano, em razão dos altos números de engajamento da plataforma.

A produção em massa de vídeos e desafios, muitas vezes acompanhados de hashtags e músicas divertidas, confere ao TikTok um grande poder de influência, capaz de moldar opiniões e comportamentos. Nesse cenário, enquanto usuária da rede social em questão, fui surpreendida com diversos conteúdos relacionados à figura da esposa troféu² em minha aba *For You*, e percebi que se tratava de uma nova *trend*³ no aplicativo, que estava gerando grande engajamento e repercussão.

Posteriormente, ao digitar o supracitado termo na barra de pesquisa do TikTok, me deparei com diversas influenciadoras associando tal expressão a ideia de que a mulher é um objeto de ostentação e status para o homem, sendo também associada a padrões de beleza, submissão feminina e a dependência financeira de um marido provedor.

Assim, percebi que havia uma série de vídeos vinculados ao conceito, tratando especialmente sobre questões como feminilidade, papel tradicional do gênero feminino e casamento, produzidos, especialmente, por mulheres brancas, jovens e de classe média alta.

Continuando a minha investigação sobre o tema, encontrei o perfil da influenciadora

¹ A seção "*For You*" – "Para Você" em português – é um feed personalizado que mostra conteúdo com base nos seus interesses e nos conteúdos com os quais você interage. Disponível em: https://support.tiktok.com/pt_BR/using-tiktok/exploring-videos/for-you

² Mulher jovem, atraente, que é esposa de um homem mais velho, rico e bem-sucedido, e age como um símbolo da posição social da pessoa. Disponível em: https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/trophy-wife#google_vignette

³ Termo em inglês que significa, em tradução livre, "tendência", utilizado para se referir às coisas que se tornam populares nas redes sociais

Bruna Testoni (@bruna_testoni⁴), que produz vídeos sobre o conteúdo e se reconhece como uma esposa troféu, abordando sua rotina enquanto uma mulher que não possui jornada de trabalho e é sustentada financeiramente por seu marido.

Ao analisar o referido conteúdo digital, fiquei intrigada com a sua popularização entre mulheres, especialmente adolescentes e jovens adultas, tais como Bruna Testoni. Por isso, busco descobrir através do presente trabalho como sua disseminação se relaciona com a ideologia conservadora patriarcal, esta que pode contribuir para a dominação financeira de mulheres, bem como a *trend* esposa troféu se relaciona com a violência de gênero, investigando-se neste trabalho, especialmente, a violência patrimonial.

A temática em questão foi escolhida visando também identificar os estereótipos de gênero na *trend* esposa troféu e como as redes sociais e influenciadores podem ser utilizados como instrumentos pelo patriarcado, a partir das tendências virais.

Outrossim, na presente pesquisa pretendo descobrir, utilizando os vídeos produzidos por Bruna Testoni, como a *trend* esposa troféu se relaciona com a ideologia patriarcal de submissão feminina por meio da dependência financeira, a partir da análise do conteúdo de três vídeos.

Para cumprir com todo o exposto, selecionei três vídeos colhidos do perfil da influenciadora supracitada e os organizei em três categorias tratadas ao longo do desenvolvimento textual, quais sejam, violência patrimonial, economia do cuidado e gourmetização do patriarcado. No que tange aos critérios de seleção, utilizei o viés subjetivo e escolhi aqueles que mais impactaram através do discurso ou me remeteram às categorias do texto.

Desse modo, para discutir as categorias propostas, me apoio em Heleieth Saffioti (1987) para tratar sobre como o movimento se relaciona com o patriarcado e as relações de poder desiguais frutos desse sistema.

Ademais, utilizando Judith Butler (1990;2024), abordo sobre os estereótipos de gênero performados a partir da *trend*, discutindo as características da esposa troféu e as narrativas conservadoras do papel tradicional do gênero.

⁴ Usuário de Bruna Testoni no TikTok. Disponível em: https://www.tiktok.com/@bruna_testoni?t=ZM-8tcUyullP4o&r=1

E, ainda, discorro sobre a desvalorização do trabalho de cuidado doméstico e a dependência financeira feminina, considerando aspectos de raça e classe para discutir as diferenças entre esposa troféu e dona de casa e abordar os papéis definidos pela estrutura patriarcal-capitalista, com suporte em Lélia Gonzalez (2020) e Silvia Federici (2019).

Em resumo, busco identificar a relação entre os vídeos coletados e as três categorias supramencionadas, além de debater como as consequências do conteúdo em comento podem fortalecer a cultura patriarcal.

Com relação aos objetivos, tem-se como objetivo geral: analisar a popularização da figura esposa troféu no TikTok, a partir da análise dos vídeos da influenciadora Bruna Testoni, e como o patriarcado os utiliza para manter mulheres em situação de violência patrimonial. Quanto aos objetivos específicos, busca-se: 1) Identificar as principais características de gênero atribuídas à figura da “esposa troféu” no TikTok; 2) Discutir a relação entre a *trend* esposa troféu e a desvalorização do trabalho de cuidado doméstico; e 3) Demonstrar as performances de gênero presentes nos vídeos e os prejuízos quanto à “gourmetização” do patriarcado.

Sob a ótica metodológica, o presente trabalho resultou em uma pesquisa de caráter documental, sociojurídico e bibliográfico, aplicando-se o conhecimento de livros, artigos e o caso prático para discutir o proposto nesta monografia, em associação com a análise do discurso do conteúdo coletado.

Considero, portanto, que o presente estudo é importante para discutir a “gourmetização” do patriarcado, termo que aqui utilizo para designar a atual sofisticação da reprodução do papel de gênero e a naturalização da submissão econômica feminina, bem como constatar se a *trend* esposa troféu serve como mecanismo para o sistema patriarcal disfarçar as relações de poder desiguais que são inerentes a essa dinâmica de relacionamento submisso.

Acredito também que, para além do viés acadêmico, a pesquisa em questão é necessária para conscientizar mulheres e meninas sobre o consumo de conteúdos digitais e como estes influenciam, de maneira muitas vezes despercebida, comportamentos, escolhas e vidas, especialmente quando se trata sobre a posição do gênero feminino dentro de um relacionamento.

Em síntese, considero que o trabalho em questão irá esclarecer como o conteúdo digital que trata da figura esposa troféu, através de uma análise do discurso dos vídeos de Bruna

Testoni no TikTok, pode ser usado para a permanência da estrutura patriarcal, que, por sua vez, legitima mulheres em situação de violência patrimonial. Por fim, foi analisada a relação da *trend* com o trabalho de cuidado doméstico e a dependência financeira, ao discorrer sobre como o conteúdo aborda as representações de gênero, as narrativas sobre relacionamentos e as mensagens implícitas que reforçam a submissão feminina.

2 DO SURGIMENTO AO STATUS DE FENÔMENO MUNDIAL: UMA BREVE APRESENTAÇÃO AO TIKTOK

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o TikTok, rede social objeto desta pesquisa, por meio de uma sucinta introdução às suas funcionalidades, características, contexto de criação e aumento de sua popularidade.

Faz-se necessário também pontuar sobre o funcionamento dos algoritmos e entrega de conteúdos aos usuários, abordando questões como as *trends* e a disseminação de conteúdo nocivo, especialmente quanto à *trend* esposa troféu.

2.1 TikTok: Surgimento e funcionalidades

Em um contexto de muito sofrimento e incerteza quanto à saúde mundial, o TikTok, rede social de interação por vídeos, se popularizou como uma ferramenta de descontração durante a pandemia da Covid-19, possuindo vários nichos de entretenimento, capazes de gerar diversas tendências (*trends*) entre os usuários.

Durante a recente pandemia do coronavírus, em razão do alto nível de contágio, a população mundial adotou medidas de segurança severas para evitar a contaminação e propagação da doença, tais como a quarentena e o isolamento social.

A vida passou a ser digital, pois era a única forma possível de manter contato com família e amigos, se entreter, e, para muitos, até mesmo trabalhar, resultando em um aumento expressivo do uso das plataformas sociais.

Diante disso, Bezerra e Gibertoni (2021) explicam que o comportamento nas redes sociais é uma extensão de uma existência humana baseada na sociabilidade, logo, o aumento massivo do uso das redes sociais, em especial o TikTok, foi consequência da urgente necessidade de agrupamento social, como forma de escapar do tão grande distanciamento causado pelo coronavírus.

O TikTok foi criado em 2014 com o nome Musical.ly, desenvolvido para os usuários postarem vídeos dançando e dublando músicas. Em 2017, a empresa ByteDance comprou o antigo Musical.ly, para torná-lo a nova rede social TikTok, com a intenção de expandir o aplicativo internacionalmente (Felix, 2020).

Assim como outras redes sociais, o TikTok é um sistema que utiliza os dados de seus usuários, que auxiliam a distribuir conteúdo personalizado de modo preciso, criando recomendações de vídeos a serem consumidos, transmitidos pela *For You Page* (Para Você), principal aba do aplicativo, moldada de acordo com a preferência de nichos de entretenimento do usuário (Aires, 2024).

Figura 1: página *For You*



Fonte: elaborada pela autora, 2025

Ou seja, se um determinado usuário busca sobre moda, receitas, humor, em sua aba *For You*, personalizada de acordo com seu gosto pessoal, a maioria dos vídeos serão sobre os nichos que mais consome, gerando uma espécie de identificação do usuário com o conteúdo digital produzido no TikTok.

Conforme explica Tatiana Aires (2024), a personalização algorítmica da rede social em questão consegue definir as identidades dos usuários ao enquadrá-los em um esquema de categorização. Assim, os próprios usuários, enquanto interagem e consomem os vídeos, criam comunidades entre si, unidos pela identificação conjunta de determinados conteúdos e temas.

É diante desse contexto que são criadas as *trends*, termo utilizado para as novas tendências que surgem nas plataformas digitais, podendo se referir a temas gerais, como roupas da moda e padrões de beleza, bem como questões comportamentais, tais como gírias e hábitos (Amaral, 2024).

Logo, são padrões de vídeos, com o mesmo contexto ou áudio, com alto poder de engajamento, podendo qualquer usuário da plataforma participar da respectiva *trend* do momento, sendo um espaço privilegiado para a produção e consumo de conteúdos diversos, sem necessariamente precisar possuir muitos seguidores para obter visualizações e likes.

2.2 *Trend* esposa troféu e sua aparência para os usuários

O movimento de mulheres que se autodenominam como esposas troféu ganhou força com a popularização do TikTok, a partir de vídeos da rotina do que seria ser uma esposa dentro dessa dinâmica de relacionamento.

A figura da esposa troféu, ainda que antiga, se tornou atualmente uma grande potência quando o assunto é engajamento e visualizações, ganhando aderência de mulheres que interagem com os vídeos sobre o tema e, de alguma forma, almejam a mesma vida para elas.

Ao digitar o termo “esposa troféu” na aba de pesquisa da plataforma, é possível encontrar diversas influenciadoras que abordam o conteúdo em questão, e, foi a partir dessa pesquisa, que consegui descobrir mais informações quanto à *trend* e escolhi Bruna Testoni como objeto deste artigo.

Rolando a aba de pesquisa, observei que ser esposa troféu, como divulgada por tais influenciadoras, se baseia em possuir uma rotina de compras, academia e cuidados com a beleza, sem qualquer preocupação com questões financeiras ou tarefas domésticas, condições estas proporcionadas por seus maridos, os detentores do poder financeiro dentro da relação familiar. É nessa perspectiva que Brito e Coelho (2021) explicam que a oposição do gênero invisibiliza alguns aspectos cotidianos do trabalho reprodutivo, que são minimizados para mulheres brancas e de classe média alta.

Figura 2: aba de pesquisa do TikTok



Fonte: elaborada pela autora, 2025

Em análise, nota-se que a *trend* remonta um passado não tão distante de casamento tradicional e excesso de feminilidade como a melhor conquista de uma mulher. Portanto, percebe-se que o conteúdo traz de volta a dominação masculina, principalmente no aspecto financeiro e matrimonial, reforçando que “o poder está nas mãos masculinas há milênios, e os homens temem perder seus privilégios que asseguram sua supremacia sobre as mulheres” (Saffioti, 1987, p.16).

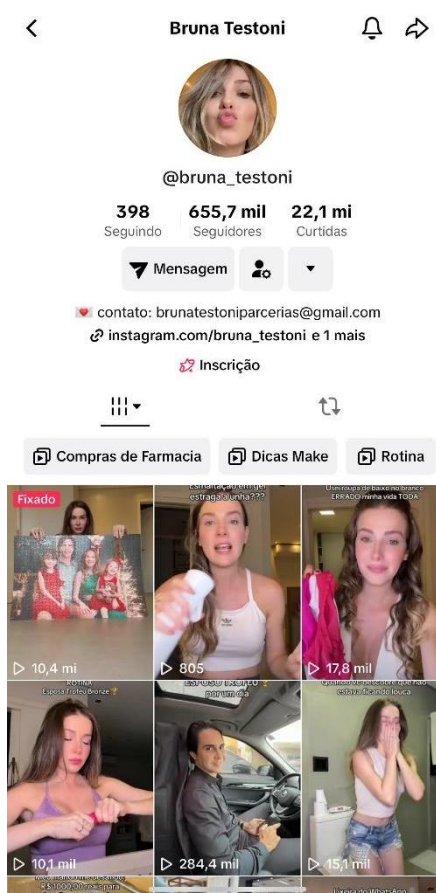
Em sintonia com os dados extraídos, constata-se que a maioria das mulheres que se reconhecem enquanto esposas troféu são mulheres jovens, brancas, de classe média alta, que não trabalham ou auferem renda, dentro ou fora de casa, e entendem a sua dependência

financeira como forma de reconhecimento e valorização, ou seja, um privilégio, para que possam se manter exatamente de acordo com o seu papel “feminino”, como um troféu a ser mantido e paparicado.

Diante desse cenário, as desigualdades de gênero acabam ganhando força e assumindo uma nova roupagem, acentuando contextos de exploração e delimitando estereótipos de mulher perfeita ou ideal, o que estimula a submissão e opressão feminina a partir da racionalidade neoliberal (Silva, et al., 2024).

Para além do gênero, as questões envolvendo raça e classe se confirmam ao analisar superficialmente as características físicas de Bruna Testoni e outros aspectos presentes em seus vídeos, tais como sua casa, carro e seu próprio discurso. Além disso, sua voz ativa sobre o tema se explica ao analisar a figura 2 anteriormente anexada, uma vez que, ao digitar o termo na barra de pesquisa do aplicativo, na seção “Top” – que organiza os vídeos por relevância – em seu canto superior direito, aparece como resultado um dos vídeos da influenciadora.

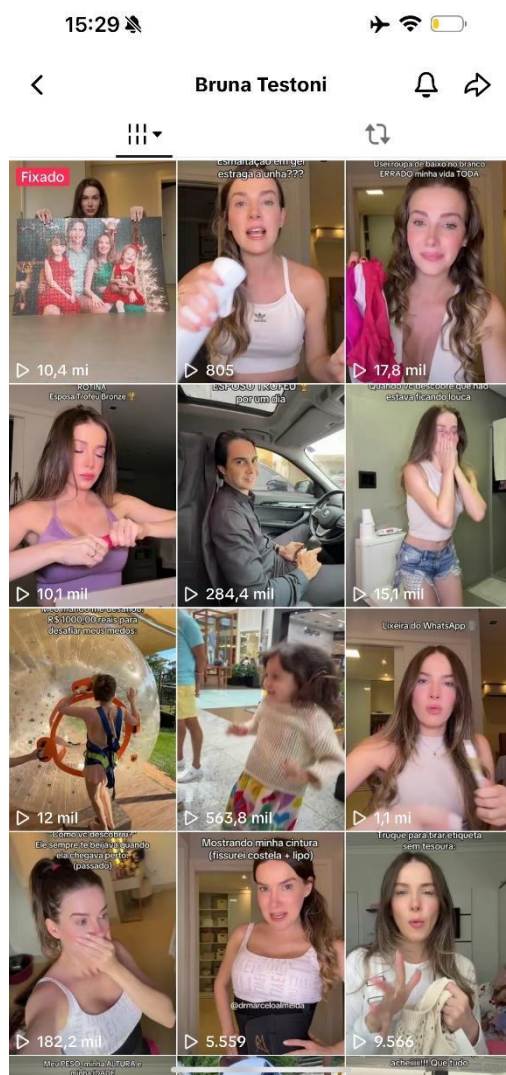
Figura 3: perfil de Bruna Testoni



Fonte: elaborada pela autora, 2025

Assim, a influenciadora se apresenta como uma mulher branca, loira, acumulando – na data de coleta dos dados – um total de 655,7 mil seguidores e 22,1 milhões de curtidas em seus vídeos, estes com títulos como “Rotina de esposa troféu bronze” e “Mostrando minha cintura (fissurei costela + lipo)”, gravados em cenários como seu carro com teto solar ou sua penteadeira repleta de maquiagens.

Figura 4: vídeos publicados no perfil



Fonte: elaborada pela autora, 2025

Ao tratar, incansavelmente, sobre sua rotina de idas à academia, compras no cartão do marido e quantas cirurgias plásticas já fez, a influenciadora escancara não só sua posição social, mas também seu privilégio branco em ser uma esposa troféu.

Nessa perspectiva, Lélia Gonzalez (2020) destaca que o privilégio racial é um dos pontos-chave da subordinação de minorias raciais. Por isso, para que a mulher branca usufrua do status de esposa troféu ou até mesmo ascenda como profissional, a mulher preta permanece

cuidando do espaço doméstico daquelas e é cotidianamente “vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata” (Gonzalez, 2020, p.51).

Nota-se que a persistência do patriarcado se faz com o uso da linguagem, para atacar especialmente causas progressistas, utilizando a língua empregada nos dias atuais como um instrumento de opressão contra mulheres (Cameron, 2020 apud Drummond, 2023). Sendo assim, tem-se que a própria “aparência” da trend e do perfil de Bruna Testoni, bem como o discurso que carrega, são ferramentas utilizadas pelo patriarcado para atingir, especialmente, as categorias discutidas em seguida neste trabalho.

3 CATEGORIA 1: COMO A VIOLÊNCIA PATRIMONIAL PODE SE MANIFESTAR A PARTIR DA *TREND* ESPOSA TROFÉU?

Iniciando a discussão da categoria, a primeira seção do presente capítulo busca desenvolver uma breve contextualização sobre a construção da lei brasileira quanto a violência patrimonial, tomando como base a Lei Maria da Penha e a Constituição Brasileira de 1988.

Partindo para a análise do vídeo, na segunda seção faz-se pertinente discorrer sobre a perspectiva da dependência financeira institucionalizada como uma forma de violência patrimonial e como sua influência através da *trend* esposa troféu pode contribuir para a manutenção de relações de poder desiguais.

3.1 A construção legislativa da violência patrimonial

Na maior parte da história, a mulher desempenhou diversos papéis, fosse dentro ou fora de casa. Todavia, mesmo com tantas atribuições fundamentais para o avanço da sociedade, a discussão quanto aos seus direitos é relativamente recente, especialmente quando se trata de violência de gênero.

No Brasil, essa juventude legislativa é visível, uma vez que a própria Lei Maria da Penha, a maior norma brasileira de combate à violência de gênero, foi sancionada apenas em 2006. Esse atraso legislativo, como aborda Mairielly Alves (2019), é intimamente relacionado com o processo de colonização, principalmente no que se refere ao modelo patriarcal de organização familiar.

Tal forma de organização definia o homem enquanto o chefe da família, que exercia sua autoridade sobre todos os outros componentes da instituição familiar, sendo estes sua mulher, filhos e netos (ALVES, 2009 apud ALVES, 2019). Foi a partir dessa perspectiva que não só a legislação, mas toda a sociedade, se submeteu a dominação masculina durante séculos, restando à mulher seu espaço enquanto coadjuvante.

Essa organização androcêntrica das leis ocorre justamente em razão da ideologia patriarcal que está presente no Direito, a qual permite que as leis, quando de sua elaboração, não levem em conta as questões de gênero e desigualdades entre homem e mulher (Cerqueira, 2021).

Apenas em 1988, com a promulgação da vigente Constituição da República Federativa do Brasil, em seu inciso I, artigo 5º, homens e mulheres passaram a ser considerados iguais perante a lei, chegando ao fim qualquer mitigação jurídica quanto aos direitos do gênero feminino.

Entretanto, mesmo com o novo regime constituinte, as particularidades de gênero ainda não eram, nem de longe, protegidas juridicamente ou ao menos reconhecidas. É nesse cenário, quase 20 anos após o início de um novo processo de constitucionalização, que a igualdade formal entre homem e mulher foi minimamente legislada, com o advento da Lei Maria da Penha.

Em sua ementa, a Lei Maria da Penha, consoante a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra Mulher, define a violência contra a mulher como qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher (Dias, 2018).

Ademais, a Lei Maria da Penha inseriu não apenas a mulher, mas também a família ao tratar sobre violência doméstica, uma vez que a violência praticada contra a mulher dentro do âmbito doméstico é capaz de lesar diversos bens jurídicos ao mesmo tempo (Dias, 2018).

É nesse sentido que, muito além da agressão física, a supracitada lei considera a existência de diversas formas de violência, “tanto é assim que o rol de ações descritas como violência doméstica não é exaustivo e nem sempre encontra correspondência em algum delito” (Dias, p.87, 2018)

Na letra da lei, a violência patrimonial é definida como uma categoria da violência doméstica, na qual existe violação por parte de um dos cônjuges na esfera financeira/econômica, conceituada pelo art. 7º, inciso IV, da Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha) como:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:
[...]

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

Nessa perspectiva, Maria Berenice Dias (2018) retrata que a absoluta falta de consciência social sobre a violência doméstica, é o que acaba tornando invisível esta prática tão corriqueira. Ainda que a seja um tipo violência doméstica, a violência patrimonial não é escancarada como lesões físicas, o que dificulta não só a investigação de tal crime, como o próprio reconhecimento da vítima enquanto tal.

A própria vítima, em uma posição difícil de até mesmo conseguir se enxergar em tal contexto de violência, acaba aceitando sua condição, seja por falta de conhecimento do que é violência patrimonial, seja por dependência financeira do agressor (Pereira, et al., 2013).

Tal ausência de reconhecimento enquanto vítima dificulta todo o processo judicial, desde a investigação do crime, até uma possível condenação penal, especialmente quando a vítima se encontra em situação de dependência financeira, pois, na maioria dos casos, a falta de acesso ao patrimônio já está acontecendo de forma velada, com a justificativa de “sou um marido provedor”.

Nessa perspectiva, Kamylla Lima (2023), ao tratar sobre o crime em questão, o exemplifica a partir da situação na qual o marido proíbe sua mulher de trabalhar, enquanto detém todo o poder financeiro dentro da instituição familiar.

É diante de cenários como o mencionado, que, seja por opção ou por ordem de seus maridos, diversas mulheres permanecem em muitas relações afetivas fracassadas, cuidando de seus lares e em situação de dependência financeira, ao nas palavras de seu cônjuge: “Não se preocupe com trabalho, meu salário consegue manter nossa família muito bem!”.

Assim, a violência patrimonial inicia a passos lentos, podendo surgir no namoro e se perpetuar até o fim do casamento (Lima, 2023), sem necessariamente ser escancarada como determina os verbos “reter”, “subtrair” ou “destruir” contidos na lei.

Logo, esse abuso pode se mascarar como uma proteção do marido, que cuida de sua esposa para que ela não precise trabalhar fora, pois ele “consegue dar conta de tudo”. É considerando a dependência financeira que a categoria violência patrimonial se relaciona com a *trend* esposa troféu, conforme se discute em seguida.

3.2 “Meu marido bloqueou meu cartão de crédito!”: Esposa troféu e a perpetuação da dependência financeira como sinal de proteção

Conforme se observa da *trend* em análise, as esposas troféu, por não se dedicarem à atividade laboral remunerada, são, conseqüentemente, dependentes de seus maridos e suscetíveis a situação de violência patrimonial.

Entretanto, mesmo diante do risco de também se tornarem vítimas, estas propagam o discurso da dependência financeira, mostrando, a partir da rotina, como é “melhor” ser mantida por um marido, para assim exercer seu papel de feminilidade e cuidar de si.

Essa rotina, para a maioria das mulheres, é uma completa utopia, “já que há situações em que elas se dedicaram toda a vida – exclusiva e inteiramente – a uma atividade não remunerada em prol do marido e da família” (Lima, 2023, p. 31).

Ou seja, é ínfima a quantidade de mulheres que podem se dedicar a cuidar da sua pele, ir ao salão manter o cabelo em dia ou ir ao shopping casualmente em uma segunda-feira, seja

por enfrentarem uma dupla jornada de trabalho, seja por falta de condições financeiras, suas ou de seus maridos.

Atrelada a dependência financeira institucionalizada, segundo Milena Cerqueira (2021), a violência patrimonial se revela também em condutas cotidianas que perpetuam a estrutura patriarcal de gênero, tais como persuadir para que a mulher abandone o emprego ou negar acesso ou meios de obter dinheiro.

Corroborando com o entendimento acima mencionado, em vídeo⁵ publicado em seu perfil, com título “Esposa Troféu Bronze” acompanhado de um emoji⁶ de troféu, Bruna Testoni relata a seguinte briga cotidiana que teve com seu marido:

Sabe essas mulheres sustentadas pelos maridos? Eu! Eu sempre escuto as pessoas falando assim, que eu sou muito burra e que as coisas podem acontecer...e aconteceu! Meu marido chegou pra mim e falou assim...a gente tinha discutido né, tinha brigado, aí eu cheguei nele, bem criança, e disse assim: “amor, vamos fazer as pazes?”. Ai ele virou pra mim e falou assim: “vamos! Amor...fiz a maior besteira do mundo, cancelei meu cartão de crédito que fica com você... (Testoni A, 1min15s, 2024).

Figura 5: vídeo da categoria 1



Fonte: elaborada pela autora, 2025

⁵ Vídeo categoria 1. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMk7mrMG7/>

⁶ Emoji é um pequeno ícone utilizado para representar uma emoção, um símbolo ou um objeto.

Analisando o vídeo, percebi que, ainda que a influenciadora divulgue em seu perfil como é privilegiada em ser mantida pelo marido e não se preocupar em trabalhar, no mais irrisório inconveniente enquanto casal, a primeira atitude de seu companheiro é cortar seu acesso ao financeiro, ou seja, ao cartão de crédito dele.

Logo, essa dinâmica de relacionamento, ainda que se tente influenciar como saudável ou promissora, demonstra que, mesmo que a mulher escolha se acata ou não a administração financeira pelo homem no relacionamento, se faz necessário observar como certas violências são silenciosas (Cerqueira, 2021).

Nesse sentido, o simples bloqueio de um cartão, proibir o acesso da mulher às contas bancárias ou limitar seu acesso ao dinheiro, por exemplo, são formas silenciosas da violência patrimonial, que reafirmam que, sim, a mulher pode até ser uma “esposa troféu”, mas até onde o seu marido, detentor do poder financeiro, permite.

Heleieth Saffioti (2004) já abordava sobre o assunto ao explicar como o contrato sexual, que coloca em destaque a figura do marido, escancara o caráter desigual deste pacto, que firma a troca da obediência por proteção, esta que, por sua vez, significa também exploração-dominação.

A exploração-dominação da mulher no matrimônio, ainda que após muitas conquistas da luta feminista, é um fantasma que caminha entre nós e nos assombra diariamente. A própria *trend* em questão, como instrumento utilizado pelo patriarcado, tem como objetivo que o lugar do gênero feminino permaneça subordinado ao masculino, pois “a submissão das mulheres na sociedade civil assegura o reconhecimento do direito patriarcal dos homens” (Saffioti, 2004, p. 131).

Logo, confiar que o marido possui condições suficientes de prover tudo, por isso ele não quer que sua esposa se preocupe em trabalhar, é um mecanismo de violência silente do patriarcado, com consequências barulhentas, retomando o vínculo do feminino ao contexto familiar/doméstico.

A associação entre o feminino e seu papel tradicional é construída a partir dos estereótipos de gênero, que moldam o imaginário sobre o que é ser uma mulher e o que se deve fazer enquanto tal. Por isso, “os estereótipos de gênero funcionam como instrumentos de controle social, na medida em que uma pessoa pode ser punida caso se distancie de seu papel tradicional ou do que socialmente se espera dela” (Dias, 2022, p.22).

A tradição histórica da mulher enquanto esposa e mãe não é só negativa para essa categoria, como também para o gênero masculino, que, ao possuírem todo o encargo da subsistência familiar, lidam com as frustrações relativas ao desemprego, por exemplo.

Nessa perspectiva, Heleieth Saffioti (2004, p. 35) entende que “os homens, contudo, são os mais afetados, na medida em que sempre lhes coube prover as necessidades materiais da família. E este papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade”.

De acordo com Nancy Fraser (2020), até a metade do século XX, quando os movimentos feministas ainda não possuíam tanta visibilidade, não se contestava a opinião segundo a qual a classe trabalhadora requeria o “salário com que se consegue manter uma família”, ligada à autoridade do homem dentro do lar e as diferenças de gênero.

É a partir da ideia de que o salário do homem é suficiente para prover o sustento da família, que muitas mulheres deixam seus trabalhos e passam a cuidar apenas do lar, tornando-se donas de casa totalmente dependentes.

Tal dinâmica é mais suscetível para transformar essas esposas em vítimas de violência patrimonial, dificultando um possível fim de relacionamento, ou até mesmo sua manutenção básica em situações naturais da vida, como morte ou desemprego do cônjuge.

A *trend* em análise ao tornar moda a volta da subordinação e estabelecer uma associação entre valorização pessoal com obediência, propaga uma fantasia do que realmente é viver em situação de dependência financeira, persuadindo indiretamente as usuárias da plataforma a desejarem também viver no mesmo padrão de relacionamento.

Somado a isso, deve-se entender também que a dependência financeira não permanece apenas enquanto durar o casamento, mas permanece até o fim dele, corroborando para que a mulher permaneça em um relacionamento violento, justamente por não possuir suporte financeiro para se manter sozinha.

A fidelidade residual, conceito trabalhado por Kamylla Lima (2023), pode ser entendida como um dever implícito da mulher, socialmente aceito e difundido, em permanecer em relações afetivas fracassadas, muitas vezes abusivas e violentas, em razão dos valores tradicionais de família, bem como da dependência financeira institucionalizada.

Tal problemática se agrava ainda mais quando pensamos no contexto de classe, pois, diversamente do proposto pela *trend*, a realidade da mulher brasileira enquanto dependente financeiramente não vem, na maioria dos casos das classes mais abastadas. Por isso:

A mulher que não possui controle de seus bens não tem liberdade para agir com autonomia dentro do relacionamento nem fora dele, em sociedade. A insuficiência de recursos financeiros cerceia sua capacidade de se manter com dignidade, obstaculizando o seu desenvolvimento social, comprometendo as oportunidades de educação e agravando o seu estado de pobreza (Cerqueira, 2021, p.28).

Desse modo, deve-se entender que o dinheiro nas relações afetivas, quando existe um lado dependente, torna-se um instrumento de poder e controle sobre o cônjuge subordinado. Na

explicação de Clara Coria (1991, p.18 apud Cerqueira, 2021, p.33), aquele que possui a administração e disponibilidade do dinheiro é quem exerce a tomada de decisões e, consequentemente, a autoridade.

Em síntese, resta demonstrado que a categoria da violência patrimonial se relaciona diretamente com a *trend*, uma vez que, tomando como base o conteúdo aqui analisado, toda esposa troféu pode, simultaneamente, tanto influenciar outras mulheres a aderirem a tradicionalidade do papel de esposa submissa, como também ser uma própria vítima do modelo de relacionamento que propaga.

Destarte, tendo em vista a viralização de conteúdos sobre o tema, é imprescindível reconhecer os malefícios causados pelo consumo e propagação desse retrocesso de valores quanto à tão batalhada conquista da autonomia feminina, bem como delinear sua relação com a atual “gourmetização” do patriarcado e desvalorização do trabalho doméstico de cuidado, categorias discutidas em seguida.

4 CATEGORIA 2: *TREND* E DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DE CUIDADO: SERÁ QUE AS ESPOSAS TROFÉU REALMENTE NÃO TRABALHAM?

Para analisar a presente categoria, foi necessário dividi-la em três seções. Na primeira, busca-se tratar sobre a divisão sexual do trabalho e a consequente imposição do trabalho de cuidado doméstico às mulheres, traçando como a *trend* se relaciona com esses conceitos.

Em seguida, é necessário abordar sobre o espaço da mulher negra dentro da *trend* e a sua vivência diante da divisão sexual e racial do trabalho, ao distinguir as violências vividas por mulheres brancas e mulheres pretas. Por último, a seção final tem como intuito apresentar o vídeo selecionado para a categoria e identificar o discurso propagado com a desvalorização do trabalho de cuidado.

4.1 A reprodução digital da divisão sexual do trabalho

Não é novidade que a divisão sexual do trabalho foi instituída a milênios antes da criação do TikTok. Entretanto, a referida rede social pode ser uma ferramenta utilizada pelo sistema patriarcal-capitalista para manter o trabalho feminino como domesticado, conforme analisado nos parágrafos em seguida.

Traçando um breve contexto histórico, a divisão sexual trabalho, tomando como exemplo os Estados Unidos no final do século XIX, pode ser considerada como um aspecto da transição da mão de obra escrava rural para a constituição do proletariado industrial. (Silva et al., 2024)

Assim, com a ascensão do capitalismo, na vida de mulheres escravizadas e as tradicionais donas de casa prevaleceram as ideologias adequadas para a manutenção do modo de produção (Silva et al, 2024). Nesse sentido, para o crescimento produtivo, o capitalismo associado ao patriarcado, precisou desvalorizar a mulher trabalhadora para mantê-la conforme o seu papel tradicional manda, para assim sustentar sua base de exploração-dominação.

Ao tratar da obsolescência das tarefas domésticas, Angela Davis (2016) explica que, se fosse do interesse do sistema de produção, considerando a industrialização, a própria tecnologia poderia realizar tal serviço, todavia, a economia capitalista possui uma estrutura totalmente antipática a essa proposta (Davis, 2016).

É nesse cenário de desvalorização do trabalho feminino que se intensifica a subordinação de gênero na instituição familiar-matrimonial, criando a figura da mulher raízes profundas enquanto esposa obediente e dedicada à manutenção do seu lar.

Por isso, Silvia Federici (2019) retrata que o capital convenceu de que o trabalho doméstico é um atributo natural e que traz plenitude, para que as mulheres aceitassem trabalhar sem remuneração, e, enquanto atividade não remunerada, é a arma mais forte do senso comum de que a atividade doméstica não é uma forma de trabalho.

Com essa dinâmica de submissão, a mulher não passa a ser só economicamente dependente, mas também psicologicamente, pois não consegue se desvincular do papel que foi imposto e exercido durante toda sua vida.

O trabalho doméstico para o gênero feminino é imposto desde o nascimento, quando em casa o patriarca obriga suas filhas a dividirem as tarefas de casa, enquanto seus filhos possuem tempo livre para exercer atividades criativas e dinâmicas.

Evidentemente, ainda que o seio familiar enquanto filha seja rigoroso, ao se tornar esposa e mãe as responsabilidades domésticas são despejadas com maior agressividade. Com o casamento, a mulher sabe que, para ser considerada uma mulher de verdade e ter uma relação bem sucedida, ela precisa realizar esses serviços (Federici, 2019).

Ao colocar a mulher como pilar de sustentação da família, impondo que aquele é o papel dela, o capitalismo cria uma profissional de excelência, associando a reprodução social com a produção mercantil. Sob esse olhar, Brito e Coelho (2021) mencionam a Teoria da Reprodução Social como destaque ao afirmar que a força de trabalho, enquanto chave do capitalismo, é produzida e reproduzida dentro da família.

Quanto às diferenças entre os encargos de cada indivíduo dentro do matrimônio, percebe-se o enfrentamento de dupla jornada de trabalho para as mulheres e, na maior parte dos casos, apenas a jornada do trabalho produtivo para os homens.

Assim, a divisão sexual do trabalho pode ser vista quando os homens, no geral, exercem o trabalho produtivo, ou seja, remunerado, enquanto as mulheres dividem seu tempo entre produção de mercadorias e trabalho em casa (Brito; Coelho, 2021).

Logo, após o dia inteiro fora de casa, a obrigação de, por exemplo, preparar o jantar, acompanhar as atividades escolares dos filhos, limpar o que ficou sujo do dia anterior e ainda ter relação sexual ao final, permanece sendo feminina.

Na perspectiva das esposas troféu do TikTok, a ausência de trabalho remunerado possibilita que estas se cuidem física e psicologicamente, entretanto, percebe-se que essa realidade não é honesta, uma vez que:

A apropriação do tempo para as mulheres se configura de forma diferente porque, na atualidade, elas trabalham nas duas esferas, tendo seu tempo apropriado de forma contraditória. Além disso, as mulheres não têm o tempo livre enquanto direito de se reconstituir física e mentalmente, pois o trabalho reprodutivo preenche todos esses espaços que deveriam ser de descanso (Brito; Coelho, 2021, p. 10)

Desse modo, veja-se que a ascensão da *trend* que aqui discuto não é meramente aleatória, mas claramente planejada por um sistema que deseja retomar a completa subordinação doméstica da mulher, já levemente superada.

Tudo que se espera do gênero feminino hoje nos sobrecarrega, o que torna muito fácil a viralização e identificação com conteúdos como os produzidos pelas esposas troféu. Ora, não existiria nada melhor do que apenas ser cuidada, com tempo hábil para cuidar de si e realizar atividades prazerosas, por isso se torna tão fácil a venda desse discurso.

A popularidade das esposas troféu se centra justamente no cansaço feminino de ter que dar conta de tudo, gerando então desejo entre as mulheres de possuírem também o mesmo estilo de vida. Em vista disso, Silvia Federeci retrata que:

No passado, só esperavam de nós que cuidássemos de crianças. Agora, esperam que tenhamos um trabalho assalariado, que continuemos a limpar a casa e a ter crianças e que, ao final de uma jornada dupla de trabalho, estejamos prontas para pular na cama e sermos sexualmente atraentes (Federeci, 2019, p. 59).

Contudo, ser esposa troféu, mesmo que não exista a obrigação em exercer o trabalho produtivo, não é passe livre para também se desobrigar dos cuidados domésticos, visto que essa problemática se sustenta especialmente em atributos de gênero. Ou seja, sendo um troféu ou não, para toda mulher o trabalho doméstico permanece como “um atributo natural da psique e personalidade femininas” (Federeci, 2019, p. 43).

Em adição, é válido também salientar que o trabalho de cuidado, embora imposto a todas as mulheres, varia a sua dose de rigor quando pensamos em questões de raça e classe. É o que irá ser discutido em sequência.

4.2 As mulheres negras também são troféus?

Discorrido sobre a divisão sexual do trabalho e os atributos forçados à mulher no contexto doméstico, faz-se pertinente distinguir a aplicação destes a partir de uma perspectiva de raça e classe. Do mesmo modo, com relação a *trend* aqui discutida, é preciso pensar quem são as esposas troféu e quem cuida do lar doméstico destas, possibilitando que se exibam enquanto prêmio.

Mesmo existindo o liame do gênero, mulheres pretas e brancas sofrem violências em contextos diferentes, pois para as negras, o racismo e sexismo se unem em um propósito: explorar e dominar.

Nessa perspectiva, Angela Davis (2016) retrata que a convergência entre racismo e sexismo acontece com frequência, associando as condições da mulher branca à situação

opressiva das mulheres de minorias étnicas. Todavia, essa tentativa de conexão me parece totalmente frustrada, principalmente quando pensamos no trabalho de cuidado e na *trend*.

Ao tornar o cuidado doméstico como inerente ao gênero feminino, a sociedade patriarcal amplia essa atribuição às mulheres negras, impondo além da divisão sexual do trabalho, mas também a divisão racial do trabalho. Assim, segundo Lélia Gonzalez (2020):

É nesse sentido que o racismo, enquanto articulação ideológica e conjunto de práticas, denota sua eficácia estrutural na medida que remete a uma divisão racial do trabalho extremamente útil e compartilhada pelas formações socioeconômicas capitalistas e multirraciais contemporâneas (Gonzalez, 2020, p. 86)

Ademais, “não é casual, portanto, o fato de a força de trabalho negra permanecer confinada nos empregos de menor qualificação e pior remuneração” (Gonzalez, 2020, p.86). E, especificamente quanto à mulher negra, a desvalorização de sua força de trabalho se dá por duas vias, a racista e a patriarcal, outorgando o trabalho doméstico como atividade natural, mas também como a atividade profissional que a resta.

A atribuição do trabalho doméstico à mulher preta, remunerado ou não, não se apresenta no cenário da “esposa ideal” ou como “feminilidade”. Essa dinâmica fica clara quando se observa a figura 2 anteriormente anexada, demonstrando que as identificadas esposas troféu do TikTok são predominantemente brancas e, dispensando aqui a análise quanto aos malefícios dessa identificação e suas verdadeiras nuances, estas só podem carregar o título pois possuem uma dublê para atuar em suas tarefas domésticas.

Enquanto a mulher branca, deixando um pouco de lado todas as imposições de gênero, pode “escolher” ser uma esposa troféu e se dedicar inteiramente aos seus cuidados pessoais e agrados ao marido – ainda que seja uma realidade fantasiosa, conforme já debatido –, nem nos melhores sonhos a mulher preta poderia ter essa escolha.

Destarte, Lélia Gonzalez (2020) explica que a falta de perspectiva quanto à novas alternativas, faz com que a mulher negra sempre se volte para os serviços domésticos, o que a coloca em sujeição e dependência das famílias de classe média branca.

Percebe-se assim existência de “um racismo estrutural que leva, tanto algozes como vítimas, a considerarem natural o fato de a mulher em geral e a negra em particular desempenharem papéis sociais desvalorizados em termos de população economicamente ativa” (Gonzalez, 2020, p. 35).

Em minha análise, relacionando todo o exposto com a *trend*, vejo que o patriarcado sozinho pode até desejar que a mulher negra, enquanto gênero feminino, se estabeleça na condição de esposa tradicional, mas ao se associar ao racismo, passa a não permitir sua exposição enquanto um troféu, mas apenas como subordinada.

Resumidamente, a estrutura patriarcal-racista, ao utilizar de meios como a *trend*, transforma a submissão feminina em algo cômico, popular e desejável para a mulher branca, ao “pegar leve” e mascarar as questões de dominação intrínsecas, tornando o processo de subordinação mais brando. Já para as mulheres pretas, o processo nunca foi leve ou enganoso, mas sempre escancarado, reafirmando diariamente a posição a elas designada.

4.3 “Sou esposa troféu e não trabalho!”: a falta de reconhecimento do cuidado doméstico enquanto uma forma de trabalho

Ao pensarmos em trabalho, é comum mensurar o reconhecimento de determinada profissão com base no salário que é recebido como contrapartida. Quanto mais se ganha, mais valorizada é a profissão e conseqüentemente mais almejada ela é.

Entretanto, quando refletimos sobre trabalho de cuidado doméstico, o primeiro obstáculo se encontra justamente na ausência de remuneração, logo, na falta também de reconhecimento.

A desvalorização desse tipo de trabalho se concentra justamente na imposição de que os cuidados domésticos são um ato de amor inerente à figura feminina. Ou seja, sendo algo natural, uma obrigação, não se espera nenhuma contrapartida pela prestação desse serviço.

Nesse sentido, o recebimento de um salário traz a impressão de um negócio justo: se eu presto um serviço, eu devo receber por isso (Federici, 2019). Por isso, ainda que todo trabalhador seja explorado pelo capitalismo, a remuneração se torna um reconhecimento, possibilitando que o proletariado lute por direitos trabalhistas – alguns já conquistados – como férias, aumento salarial, pagamento de hora extra, entre outros.

Para além da remuneração, o trabalho assalariado possibilita variantes entre as profissões, “hoje você é um carteiro, amanhã, um taxista” (Federici, 2019, p.43). Assim, mesmo que em um contexto de exploração, o trabalhador ainda possui algum tipo de escolha.

Quando o cuidado doméstico é atribuído como uma obrigação natural, a mulher não possui escolha, não pode simplesmente se demitir ou exigir horas extras, também não existem férias ou descanso semanal remunerado. A inexistência de salário torna o trabalho doméstico como parte da mulher enquanto ser, durante toda sua existência.

A partir disso, Silvia Federici (2019) explica que ao negar uma remuneração ao trabalho doméstico e transformá-lo em um ato de amor, o capitalismo obteve uma grande quantidade de trabalho gratuito sem lutar contra nada, assegurando que as mulheres procurariam este trabalho como se fosse um privilégio.

Corroborando com tudo isso, o vídeo⁷ escolhido para representar esta categoria inicia com Bruna Testoni dizendo a fala de abertura “desvantagens de ser uma esposa troféu bronze!”, passando posteriormente a listar inúmeras situações em que ela, mesmo se dizendo esposa troféu, é responsável dentro do seu lar:

Desvantagens de ser uma esposa troféu bronze! Uma de suas obrigações vai ser ficar bonita. Vai ter que se cuidar, vai ter que malhar, vai ter que fazer procedimento estético, cirurgia plástica. Vai ter que ficar sempre em dia com a beleza. Tá sempre bem vestida, no tempo livre você vai no shopping, você vai comprar uma roupa...você tem que tá bonita! Como meu marido é o único que cuida financeiramente da casa, eu sou responsável por todo o resto, e o resto não tem nada de resto. Tudo que envolve a casa é sua função, se quebrou alguma coisa, é você que vai arrumar. Faltou mercado? Faltou farmácia? É você que vai arrumar! O pijama da criança tá curto? É você que vai comprar! A maior parte da educação dos filhos fica por sua conta. Além de cuidar dos seus filhos, mesmo tendo babá, você vai ter que cuidar dos seus filhos e vai ser “mãetorista”, todo lugar você vai ter que levar, vai ter que esperar e ficar lá. Você tem que cuidar da refeição da casa, por mais que não seja você que faça essas coisas, a culpa sim vai ser sua se você não cuidou disso, desde o café da manhã até a janta. E você vai ter que escutar sim se a comida tiver ruim, se a casa tiver suja, vai ser sua culpa! Pensa que uma esposa troféu tem muito tempo livre? Hum-hum. Tarefa de casa, educação dos filhos, tudo isso vai ficar por sua conta. Às vezes você tem um apoio, uma aula particular, mesmo assim vai ser sua obrigação o rendimento escolar do seu filho. Então, realmente, não é fácil! (Testoni B, 1min15s, 2024).

Figura 6: vídeo da categoria 2



Fonte: elaborada pela autora, 2025

⁷ Vídeo categoria 2. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMkwJP4Ya/>

Em primeiro plano, percebe-se que Bruna Testoni se identifica enquanto esposa troféu bronze, ou seja, como se estivesse em um nível mais baixo do que seria puramente uma esposa troféu. Analisando o conteúdo do vídeo, o motivo de ser o terceiro lugar no pódio é nítido.

Embora possua ajuda em casa, cuide de sua beleza todos os dias e possa ir ao shopping desopilar fazendo compras, a influenciadora também carrega o peso de ser a cuidadora do seu lar, sendo sua obrigação fazer tudo dar certo, bem como sendo sua responsabilidade caso tudo dê errado.

No caso, a classificação de bronze remete a possibilidade de poder usufruir de procedimentos estéticos e comprar as roupas que quiser usar, como uma esposa troféu, mas apenas quando o trabalho de cuidado doméstico está devidamente cumprido, assim como uma dona de casa.

Essa obrigação natural, inerente à toda mulher, especialmente àquelas dependentes financeiramente de seus cônjuges, permite que, quando o trabalho doméstico não é feito com “excelência”, os homens se sintam autorizados “a voltar seu ódio contra nós se não estivermos à altura do papel, particularmente quando nos recusamos a executá-lo” (Federeci, 2019, p. 57).

Como se observa do vídeo transcrito, ao dizer que será “sua culpa” caso a comida não esteja boa ou a casa suja, a influenciadora, implicitamente, mostra que essa realidade é também uma vivência sua, mesmo sendo esposa troféu. Logo, o marido reclama como se fosse um chefe criticando uma funcionária por não estar exercendo o seu trabalho corretamente, a diferença é que não existe um salário para “diminuir” o impacto das reclamações.

Mesmo reconhecendo o peso de suas responsabilidades, a influenciadora frisa que não traz recursos financeiros para dentro de casa. Denota-se um discurso inconsciente de desvalorização do próprio trabalho que exerce, pois ainda que não saia para o mercado de trabalho todos os dias, o trabalho produtivo de seu marido só é possível pois a influenciadora cuida de todas as pendências da casa.

No fim, existe uma “divisão entre mulheres que ‘de fato trabalham’ e mulheres ‘que não trabalham’ (elas são apenas ‘donas de casa’), o que implica que trabalho não assalariado não é trabalho, que trabalho doméstico não é trabalho” (Federeci, 2019, p.67).

As esposas troféu são levadas a caírem na ilusão de que são privilegiadas pois não trabalham fora de casa e são cuidadas por seus maridos, acarretando a consequente invalidação e o desconhecimento quanto ao próprio trabalho que exercem.

O trabalho reprodutivo que exercem, ainda que não remunerado ou visibilizado como os empregos formalizados, não as isenta de jornadas exaustivas de trabalho, que causam danos tanto físicos como psicológicos, tal qual um trabalhador remunerado.

Assim, mulheres continuam exercendo o serviço doméstico, pois “embora não resulte em um salário para nós mesmas, produzimos o produto mais precioso que existe no mercado capitalista: a força de trabalho” (Federeci, 2019, p. 68).

Pensar ser privilegiada por não precisar prover os custos da casa, enquanto exerce todas as ocupações para que a família funcione, é uma falácia que o patriarcado capitalista fixou na cabeça do gênero feminino para acreditar que, por ser “nosso papel”, cuidar do lar é um privilégio e motivo de sorte.

Entretanto, por utilizar ferramentas como sons, efeitos e cenários, entendo que a *trend*, analisando especificamente o caso de Bruna Testoni, torna o conteúdo acessível e desejável, pois expõe que ser esposa troféu é sinônimo de luxos e regalias mantidas pelo marido, trazendo como única consequência cuidar do setor doméstico, que passa despercebido por ser um atributo tão naturalizado.

Logo, se uma mulher assalariada também é a responsável pelas tarefas domésticas, torna-se então atrativo não ser uma mulher com dupla jornada e arriscar confiar no companheiro, para assim se sentir menos sobrecarregada e poder minimamente cuidar de si, dado que “conseguir um emprego nunca nos libertou do primeiro” (Federeci, 2019, p. 69).

É a partir da associação entre a produção capitalista, patriarcado e racismo que as opressões de gênero se renovam até hoje, utilizando de ferramentas atualizadas como o TikTok, para naturalizar ainda mais a domesticação do trabalho feminino e sua consequente desvalorização.

5 CATEGORIA 3: A “GOURMETIZAÇÃO” DO PATRIARCADO E ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Em primeiro plano, na categoria em questão faz-se interessante explicar os métodos de reinvenção do patriarcado ao utilizar a *trend* do TikTok como uma ferramenta possível para atingir tal interesse, resgatando aspectos tradicionais para então modernizá-los.

Na seção de análise do vídeo, menciona-se o conceito de atos performativos de gênero e a presença de referências simbólicas quanto aos estereótipos de gênero e padronização da beleza, além de explicar o motivo do termo “gourmetização” do patriarcado diante dos aspectos de sofisticação da *trend*, destacados na análise do conteúdo.

5.1 Reinvenção do patriarcado e esposas troféu

Para além do que já foi discutido anteriormente, a “gourmetização” do patriarcado, categoria que considero protagonista do presente trabalho, abrange e se apropria das outras duas, e é utilizada na *trend* para tornar todo o processo de dominação mais “divertido” e fácil de manipular.

Conforme já mencionado, as *trends* normalmente têm caráter cômico, com músicas dançantes, memes⁸ viralizados, repetição de gestos já padronizados entre os usuários, entre outros. Assim, a *trend* das esposas troféu usa também desses artifícios, razão pela qual se tornou tão popular e acessível.

Nesse contexto, o referido conteúdo passa a ter um teor leve, engraçado e até desejável, parecendo glamourizar relações de dominação intrínsecas às relações em que existe a ausência de autonomia financeira de um dos indivíduos, especialmente, mulheres.

Os conteúdos publicados sobre a rotina de esposas troféu, ao vincular diretamente mulheres ao lugar de submissão feminina e dependência financeira, remonta então a memória patriarcal da família e reforça estereótipos de gênero, circulando o estereótipo do espaço ocupado pela mulher casada na manutenção e coesão da estrutura familiar (Ribeiro; Silva, 2018).

Por isso, acredito que a presente categoria representa e abarca a violência patrimonial no contexto da dependência financeira feminina, que reflete na permanência da mulher nos espaços domésticos, mas com um toque de glamour, traduzindo isso tudo como “uma forma de cuidado”.

⁸ Meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018

A viralização da *trend* demonstra ser, nitidamente, um caminho para o retrocesso quanto aos valores tradicionais, tão duramente combatidos ao longo do tempo, fazendo uso da imagem e corpo feminino para atingir esse objetivo.

Sabe-se que o controle do corpo feminino sempre esteve enraizado na sociedade, especialmente por meio de ideologias conservadoras, que buscam manter desigualdades e hierarquias de gênero, e, por consequência, manter as relações de poder (Pereira; Abrão, 2024).

Nos últimos anos, principalmente com o gigante avanço das redes sociais, o conservadorismo tem ganhado espaço e oportunidade para disseminar discursos políticos que retomam o patriarcado em sua essência, “atuando como um desserviço em relação à promoção de direitos e igualdades” (Pereira; Abrão, 2024, p. 5).

Mesmo “com avanços em diversos aspectos, os movimentos feministas passam a sofrer reações simbólicas e mais silenciosas” (Pereira; Abrão, 2024, p. 5). Nitidamente, a *trend* em discussão é uma dessas reações silenciosas, pois não escancara a quem está servindo e quem realmente se beneficia com a produção desse conteúdo.

Observa-se, portanto, que o patriarcado se reinventa, a partir do uso das redes sociais, para resgatar padrões de comportamento e relações que em parte já haviam sido superados pelo feminismo, mostrando que, na verdade, a independência feminina não vale de nada quando a moda é ser esposa troféu.

Assim, para Pereira e Abrão (2024), ao tratar da *trend trad wife*⁹, com conteúdo semelhante à *trend* esposa troféu:

É possível observar um novo fenômeno de controle do corpo feminino que se manifesta por meio do aumento do desejo de resgate de um passado que se pretende atual. Esse fenômeno está relacionado ao fortalecimento de uma onda conservadora que celebra o retorno da mulher em papéis considerados tradicionais e se manifesta pelo movimento *trad wife*, amplamente difundido em plataformas de redes sociais como o TikTok (Pereira; Abrão, 2024, p. 6).

Com o uso do TikTok, o patriarcado resgata o imaginário da “esposa ideal”, atribuindo aspectos de feminilidade às esposas troféu e premiando aquelas que “escolhem” seguir por esse caminho. Ou seja, você entrega sua autonomia, mas pelo menos, o patriarcado te retribui pagando para que sua unha esteja em dia e seu cabelo bem escovado.

Ao contrário das nossas antepassadas, o patriarcado agora “presenteia” as mulheres que seguem o caminho apenas de esposas, enquanto nossas mães, avós, bisavós, não eram tão acariciadas assim pelo sistema.

⁹ *Trad wife*, em tradução livre, esposa tradicional, pode ser definida como uma mulher casada que opta por um estilo de vida de uma esposa convencional que segue os papéis de gênero nos quais a figura feminina é a principal responsável pelos cuidados com a casa e com os filhos (Pereira; Abrão, 2024, p. 3)

A *trend* é utilizada pelo patriarcado como uma vitrine para expor silenciosamente as categorias que aqui debato, através de vídeos cativantes e aparentemente inofensivos, utilizando da performance das esposas troféu e de seus corpos, em uma tentativa de retomar sua supremacia. Com isso:

Em um capitalismo amparado pelo patriarcado, a imagem da mulher é capturada ideologicamente com o objetivo de controle, o corpo feminino passa a ser instrumentalizado com propósitos populistas majoritariamente ligados à conservadorismos e a ideologia política é transportada para o corpo, ao passo que, a imagem desse corpo controlado/instrumentalizado simbolicamente torna-se uma mercadoria valiosa em função da mídia (Pereira; Abrão, 2024, p. 10-11).

Nesse aspecto, as esposas troféu captam audiência e engajam, talvez inconscientemente, o patriarcado, performando o ideal de feminilidade e domesticidade que ressoa com discursos conservadores, retomando a visão de gênero da mulher e seu papel de manutenção do lar (Pereira; Abrão, 2024).

A tentativa de volta desse modelo estritamente patriarcal, debatida por Judith Butler (2024), é feita a partir da circulação de ideais dos poderes destrutivos do gênero, produzindo assim um medo existencial que passa a ser explorado por quem deseja retornar a uma ordem patriarcal “segura”.

Esse retorno é feito de diversas formas e com uso de diversas ferramentas, sendo a *trend* em questão um perfeito espaço para disseminar tais ideias sem exigir muito esforço por parte do sistema, visto que as próprias esposas troféu se colocam como marionetes para isso.

5.2 Atos performativos e contexto simbólico: o porquê da “gourmetização”

Ao reforçar a incumbência do homem como provedor do lar, as esposas troféu, mesmo que não se posicionem de forma política, contribuem para o crescimento de pautas conservadoras nas redes sociais, que se apropriaram dos conteúdos e reforçam questões tradicionais de gênero já, em parte, superadas. Assim, para Judith Butler (2024, p. 24-25):

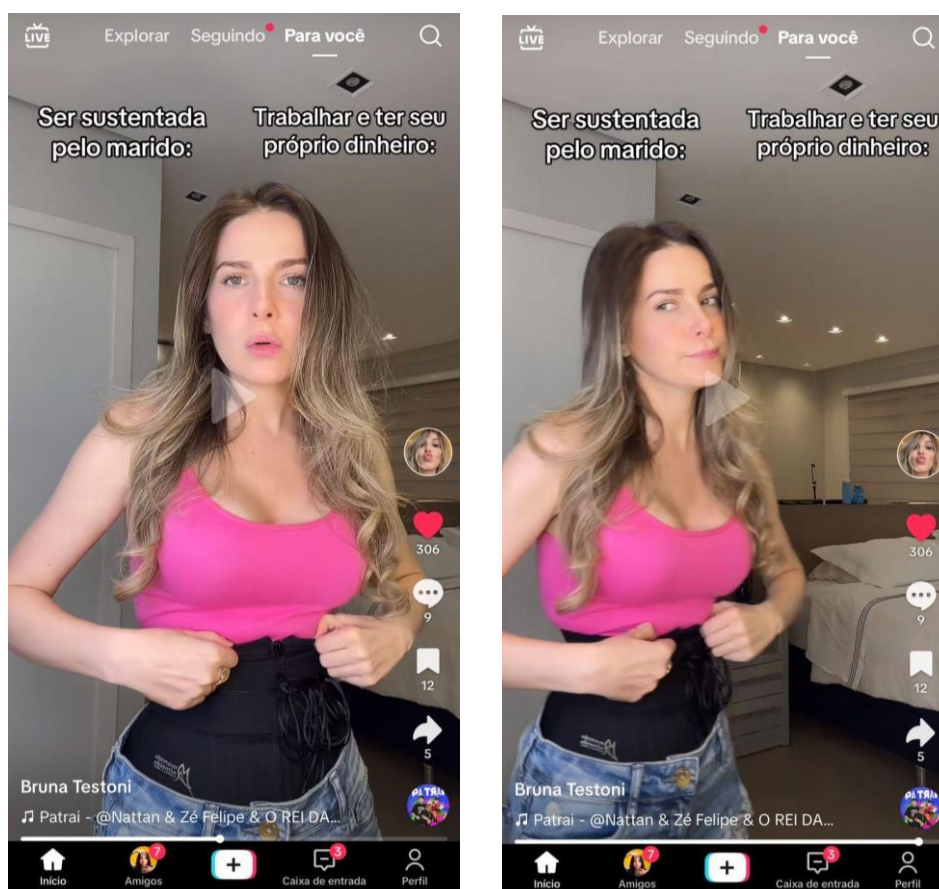
“Fomentar um desejo de restauração do privilégio masculino serve a muitas outras formas de poder, mas constitui um projeto social próprio, a saber: produzir um passado ideal cuja reanimação atingirá, ou até eliminará, as minorias sexuais e de gênero. Esse sonho busca não apenas restaurar um lugar legítimo para a autoridade patriarcal, concebida como parte de uma ordem natural e/ou religiosa, mas também reverter direitos e políticas progressistas [...]” (Butler, 2024, p. 24-25)

É nesse cenário que as esposas troféu, performando estereótipos tradicionais de gênero, são utilizadas pelo patriarcado, que então passa a se fortalecer rapidamente em espaços que anteriormente não seria possível, a partir da maior ferramenta da globalização e disseminação de informações: a Internet.

Partindo para a análise do vídeo¹⁰ da presente categoria, diferentemente dos anteriores, Bruna Testoni não fala sobre nada, mas utiliza uma música para falar por ela. O vídeo, que possui 13 segundos de duração, tem como som de fundo a música “Patrai”, uma parceria entre os cantores Nattan e Zé Felipe, com a seguinte letra¹¹: “Olha pra trai, pra trai, pra trai, pra trai. Olha pra trás, pra trás [...]”.

Assim, à medida que a música toca, a influenciadora anda para trás, simulando uma preferência sua:

Figura 7 e 8: vídeo da categoria 3 (Testoni C, 13s, 2024)



Fonte: elaborada pela autora, 2025

Conforme se extrai das imagens, o vídeo inicia com duas opções: trabalhar e ter o próprio dinheiro ou ser sustentada pelo marido. Ao começar a música, a influenciadora começa a andar para trás, demonstrando escolher ser sustentada por seu marido.

¹⁰ Vídeo da categoria 3. Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMkwJWvUh/>

¹¹ Letra da música “Patrai”, de Zé Felipe e Nattan. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-felipe/patrai-part-nattan-e-o-rei-da-batidinha/>

A problemática da presente categoria não necessariamente está centrada na escolha por depender financeiramente de seu marido ou não, mas abordar isso como um meme, sem qualquer profundidade ou precaução com relação às consequências de tal escolha.

Além disso, o tom jocoso do vídeo, para além de todos os malefícios de sua propagação, também reflete a possível falta de consciência da própria influenciadora quanto a sua situação. Por mais que em outros vídeos, como o da categoria 2, ela reconheça certas adversidades do papel de esposa, em contrapartida, no presente vídeo, parece tornar óbvio que a “melhor” escolha não seria sua autonomia financeira.

O conteúdo também traz à tona a reafirmação do papel tradicional de gênero, abordando, com certa simplicidade, que entre as duas escolhas, por óbvio o melhor a ser feito é se realocar em um espaço de subordinação dentro do casamento, e, por consequência, do ambiente doméstico.

Observa-se então que o vídeo favorece a visão estereotipada de gênero, popularizando papéis sociais que deveriam ser ocupados por homens ou mulheres, amparados numa memória patriarcal que retoma discursos tradicionais sobre a mulher e seu papel na família (Ribeiro; Silva, 2018).

É importante analisar o vídeo para além da música, legendas ou gestos, mas também símbolos que aparecem em segundo plano, passando despercebidos. Verifica-se que a influenciadora está usando uma cinta modeladora¹² em sua cintura, com o possível intuito de modelar seu corpo.

A semelhança da cinta modeladora com o antigo espartilho é nítida, não só por sua aparência, mas também função. O espartilho nos moldes do século XIX é uma cinta longa, de corte anatômico, com extensão dos quadris até os seios, estruturado com longos cadarços puxados para apertar a cintura, servindo para modelar o corpo e corrigir a postura (Openkoski, 2023).

Nessa época, o espartilho formava o desenho de um corpo que se referia ao feminino, um padrão corporal admirado e esperado que as mulheres o possuísem (Laver, 1989 apud Openkoski, 2023). Para além disso, tal vestimenta era uma maneira de manter o poder masculino sobre os corpos femininos, representando a feminilidade da mulher e sua fragilidade:

Hollander (2003), abordou a ideia de que o espartilho associava-se às regras de rigidez social nas quais a imagem feminina era objeto sexual para o homem. Ela considerou que o espartilho configurava em sua estrutura e modo de vestir a dominação masculina, pois pretendia uma cintura marcada e uma silhueta mais definida, mostrar

¹² Uma cinta modeladora é uma peça de vestuário utilizada para comprimir a região do abdômen, ajudando a reduzir medidas e modelar o corpo. Serve também para ajudar com a correção da postura. Disponível em: <https://drwulkan.com.br/cinta-modeladora-funciona/>

a ideia de mulher frágil que devia ser “cuidada” ou controlada pelo homem, sendo a fragilidade legitimada também pelos desmaios causados pelo aperto da peça (Hollander, 2003 apud Openkoski, 2023, p. 8).

O uso moderno da cinta em quase nada se difere do espartilho, pois além das funções da própria peça, também existe uma função social de favorecimento ao patriarcado. O controle do corpo das mulheres se faz pelo discurso e padronização corporal, mas se materializa por instrumentos como as próprias roupas. Nesse sentido:

Mais do que uma peça de vestuário que simbolizava decoro e beleza, o espartilho guarda uma estreita relação com as funções sociais que a sociedade sempre impôs às mulheres. O corpo liberto, ou seja, sem o uso do espartilho, representava uma ameaça à submissão que caracterizava a condição da mulher, colocando em risco a dinâmica de dominado e dominador que sempre foi a base da sociedade patriarcal (Openkoski, 2023, p. 9).

O estímulo aos padrões de beleza é também uma forma de reinvenção do patriarcado utilizada na *trend* aqui debatida, demonstrando que “estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza” (Wolf, 1992, p. 12).

Com a superação, em parte, da obrigatoriedade da domesticidade da mulher, a imposição de um modelo de padrão estético se fortalece como método de aprisionamento e controle do corpo feminino:

A reação contemporânea é tão violenta, porque a ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontrolláveis. Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguem mais realizar (Wolf, 1992, p. 13).

Na atualidade, a beleza, sendo um sistema, é determinado pela política e consiste no último e melhor conjunto de crenças para manter intacta a dominação masculina (Wolf, 1992). Ao atribuir valor às mulheres, de acordo com um padrão físico, o sistema da beleza expõe relações de poder segundo as quais o gênero feminino precisa competir, de modo anormal, por recursos dos quais o masculino se apropriou (Wolf, 1992).

Ou seja, a padronização da beleza serve para agradar os homens, aos seus gostos e desejos irrealistas, adoecendo mulheres por essa busca incessante de possuir um corpo que só existe na cabeça de quem inventou: o homem. Por isso, a imposição da beleza não possui relação nenhuma com as mulheres, mas sim com as instituições masculinas e com o poder institucional dos homens (Wolf, 1992).

Assim que o patriarcado, pelo menos legalmente, não pôde mais definir a mulher apenas como doméstica, surge o mito da beleza para redefinir o valor básico social da mulher a partir de um tipo de beleza sistematicamente determinado (Wolf, 1992).

Vislumbra-se então que a cinta modeladora usada por Bruna Testoni é um aviso simbólico da presença do patriarcado em diferentes esferas e de várias formas, especialmente quando associada com o discurso já exposto na categoria 2 quanto à necessidade de uma esposa troféu precisar se manter sempre bonita.

Existe então uma união entre a submissão financeira e a padronização dos corpos femininos, instrumentalizadas por meio da *trend* e a serviço do sistema patriarcal, resultando em um produto da disseminação de ideologias tradicionais de gênero: as esposas troféu.

Ainda, percebe-se que a construção da *trend* e das esposas troféu se baseia na repetição de comportamentos e discursos para construir muito além de uma comunidade, mas também uma identidade a partir do gênero. Isso se relaciona com o que Judith Butler (2018, p. 3) explica sobre a instituição da identidade de gênero:

O gênero não é de modo algum uma identidade estável nem locus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” genericado permanente (Butler, 2018, p.3).

Nesse viés, o gênero é instituído por esses atos descontínuos, resultando em uma identidade construída, uma realização performática, na qual a plateia que assiste, assim como os atores, passa a acreditar performando como uma crença (Butler, 2024).

O corpo, portanto, passa a ser a materialização de possibilidades condicionadas como históricas, ou seja, é uma maneira de fazer, dramatizar e reproduzir uma situação histórica (Butler, 2024).

Veja-se então que a *trend* nada mais é do que a reprodução de um contexto histórico, materializada a partir da performance de gênero de suas protagonistas, com atos repetidos e padronizados, passando estas a acreditarem que tudo que é vivido e representado por elas é algo natural.

Para Judith Butler (2018, p.6) “o gênero é uma performance que envolve consequências claramente punitivas”, e essas punições são silenciosas e reforçadas pela *trend*, refletindo na própria solidificação de problemas estruturais como a violência patrimonial de gênero e a desvalorização do cuidado doméstico, categorias já debatidas.

Nessa perspectiva, a performance de gênero dentro da *trend* se relaciona com a romantização da domesticidade do “ser esposa”, que pretende oferecer às mulheres uma fuga das duas jornadas de trabalho, realidade imposta a partir da aliança entre o capitalismo neoliberal e o feminismo popular (Skyes, 2024, tradução nossa). Ou seja, um dos pilares da

popularização das esposas troféu se sustenta no cansaço feminino ao enfrentar duas jornadas exaustivas, tornando a aparência da dependência financeira uma saída mais satisfatória.

Portanto, a mensagem transmitida por esse estilo de vida é que as mulheres deveriam adotar a “calma e lentidão” que o papel feminino proporciona e não buscar um emprego, mas sim preencher os seus dias com o “agradável” e repetido trabalho doméstico (Skyes, 2024, tradução nossa).

Em tese, as esposas troféu não influenciam o trabalho doméstico, mas sim que o marido seja o responsável financeiramente pela casa, as desobrigando do trabalho assalariado e oportunizando que possuam mais tempo para cuidar delas mesmas.

Entretanto, na realidade, a dependência financeira abre margem para as exigências quanto ao exercício do trabalho doméstico e dominação masculina dentro do relacionamento, voltando a mulher mais uma vez ao seu papel tradicional.

Logo, seja esposa troféu, dona de casa ou trabalhadora assalariada, todas as mulheres são objeto de exploração do homem no seio familiar, por isso o patriarcado não é apenas um sistema de dominação, mas muito mais do que isso, é também um sistema de exploração (Saffioti, 1987).

A *trend*, portanto, retoma um processo de construção social da supremacia masculina em detrimento da construção social da subordinação feminina (Saffioti, 1987), ao traduzir subordinação financeira como forma de cuidado e proteção, gerando em quem consome os vídeos um desejo de possuir a mesma vida, sem mostrar as consequências escondidas.

Tal retomada à hierarquia de gênero é construída por métodos atualizados e mais rápidos, quais sejam, vídeos nas redes sociais, no presente caso, especificamente, com a *trend* do TikTok. Ou seja, corrobora para que a disseminação desse retrocesso de valores atinja o maior número de pessoas possível em curto prazo de tempo, mas escondendo suas características nocivas.

A partir dessa perspectiva, a escolha do termo “gourmetização” para a presente categoria não foi aleatória. Ao atrelar o estilo de vida das esposas troféu com consumo exacerbado e cuidados estéticos, a *trend* disfarça as consequências de sua propagação e deixa em segundo plano “o grau de êxito nesse processo repressivo, que modela homens e mulheres para relações assimétricas, desiguais, de dominador e dominada” (Saffioti, 1987, p. 40).

Assim, segundo o entendimento de Palmieri Júnior (2016, p. 37) a “gourmetização é o processo intencional de sofisticação e exclusividade de um produto, uma forma de diferenciar o que é preparado de modo tradicional, relacionando um produto com a ideia de requinte”.

O conteúdo já analisado por meio dos vídeos selecionados demonstra a sofisticação do sistema patriarcal ao longo dos anos e como seu retorno se mostra sutil e exclusivo. A comunicação estabelecida através da *trend* é de que: “tudo bem ser submissa, meu marido me paga cirurgias plásticas”.

Logo, de modo diverso ao tradicional, no qual não existia escapatória para a subordinação feminina, agora essa condição parece se tornar uma moeda de troca. À medida que a esposa troféu se estabelece em uma condição de inferioridade, ela também ganha presentes, bonificações para amenizar sua situação.

A *trend* então retrata esse aspecto de melhoria, luxo, com uso de uma técnica especial, gerando o desejo de estar no mesmo lugar e invisibilizando violências inerentes ao sistema, conforme demonstrei nas categorias já debatidas, o que a torna a armadilha perfeita para o patriarcado capturar suas presas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao rememorar um breve contexto histórico, nota-se que a conquista dos direitos da mulher, em especial os que protegem seu corpo e patrimônio, são relativamente recentes, o que permitiu por muito tempo a naturalização das várias formas de violência de gênero, tais como a violência patrimonial.

Quando consideramos um contexto de dependência financeira da mulher, a violência patrimonial costuma ser relativizada e até mesmo desconhecida como um tipo de violência doméstica de gênero, ainda que devidamente prevista na Lei Maria da Penha.

Nesse viés, a própria coação para manter a mulher dentro de casa, com a promessa de que o marido irá prover todo o sustento, corrobora com a institucionalização da dependência financeira, mascarando as adversidades intrínsecas a esta condição e retomando o papel tradicional do gênero feminino enquanto cuidadora de seu lar.

Tendo como base essa perspectiva, o presente trabalho monográfico buscou analisar a *trend* do TikTok sobre as esposas troféu, selecionando a influenciadora Bruna Testoni como objeto de análise, a partir do discurso presente nos vídeos selecionados, o que originou a divisão da pesquisa em três categorias: violência patrimonial, economia do cuidado e “gourmetização” do patriarcado.

Com isso, busquei aprofundar como a *trend* disseminada proporciona a retomada de papéis tradicionais de gênero, em parte já superados, por meio da repetição de atos performativos e estereótipos de gênero e como tais vídeos se relacionam com as categorias supramencionadas.

Entendo que o movimento das esposas troféu, ao propagar a dependência financeira feminina, é utilizada como ferramenta pelo patriarcado para retomar estruturas que oprimiram mulheres durante séculos. Todavia, vejo que esse retorno ao passado tradicional não é feito de modo escancarado, mas sim de forma sutil, cômica e sofisticada, gerando desejo de ter o estilo de vida que as esposas troféu possuem.

O desejo é gerado utilizando o próprio cansaço feminino quanto à dupla jornada de trabalho no mercado produtivo e no reprodutivo, mostrando que, ao permanecer em casa e deixando a responsabilidade financeira para o cônjuge, a mulher teria mais tempo para cuidar de si.

Posto isso, ao associar equivocadamente o consumo material e cuidados estéticos com o papel de uma esposa que “não trabalha”, a *trend* adiciona um teor de glamour à condição de dependência financeira, fazendo com que as usuárias que assistem o conteúdo almejem seguir

pelo mesmo caminho, como se fosse o mais fácil.

Ainda, a partir dos próprios vídeos analisados, entendo que o discurso propagado na *trend* não passa de uma falácia, pois mesmo não precisando trabalhar no mercado, não existe isenção quanto ao trabalho de cuidado, que sempre foi imposto como um atributo natural da mulher, conforme expôs a própria Bruna Testoni, ao falar que toda a responsabilidade de cuidados com a casa continua sendo sua, mesmo se considerando uma esposa troféu.

Do mesmo modo, o conteúdo desvaloriza o próprio trabalho de cuidado feminino, pois conforme extraído dos vídeos, a ideia da esposa troféu está centrada em não possuir trabalho, mas apenas destinar o seu tempo aos cuidados com a beleza, saúde e lazer.

Ao afirmarem que são troféus pois não exercem o trabalho, as participantes da *trend* deslegitimam o esforço que exercem para manter o funcionamento da família, possuindo estas ou não outras pessoas que ajudem com tais tarefas, pois como próprio narrado pela influenciadora analisada, no fim, a culpa sempre vai ser da mulher.

Nessa perspectiva, as performances e discursos das esposas troféu, ao reforçar a ideia de que a mulher perfeita, comparando com um troféu, é um objeto a ser possuído e controlado, corrobora para que o conteúdo digital produzido seja um instrumento de retorno à dominação financeira contra as mulheres.

Isso possibilita que o sistema se reinvente e encontre novas formas de se propagar, fazendo uso dos vídeos produzidos para ampliar seu ressurgimento e atingir uma audiência em grande escala por meio das redes sociais.

As esposas troféu passam a ser peças fundamentais para o patriarcado, pois mascaram como “escolhas pessoais” as narrativas que reiteram a subordinação feminina, como o trabalho doméstico e a dependência financeira. Logo, ao mesmo tempo que são controladas, também são usadas como objetos pelo sistema, para continuar explorando a figura feminina e atingir seus interesses políticos e sociais.

Dando ênfase às categorias que aqui delimitei, entendo estas como microssistemas do patriarcado aplicadas silenciosamente para promover sua reestruturação. Desse modo, a conscientização sobre o respectivo conteúdo em comentário é crucial para entender a quem serve e quem se beneficia com a figura da esposa troféu, que, em minha conclusão seriam: o patriarcado e o homem.

Em síntese, ainda que a presente pesquisa não seja suficiente para dissolver as operações da estrutura patriarcal, espero que sirva de alerta às mulheres, em especial as que usam redes sociais como o TikTok e de alguma forma se sentem influenciadas pelas narrativas propagadas.

Com isso, compreendo que para o progresso da libertação feminina, bem como da

própria sociedade, é preciso enfraquecer todos os meios de propagação do patriarcado, especialmente aqueles que maquiam suas reais características de dominação e exploração, sendo a construção acadêmica e a educação em perspectivas de gênero o nosso grande primeiro passo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, Tatiana Filipa Costa Aires. **TikTok: escolhemos o que vemos ou o algoritmo escolhe por nós?**. The Trends Hub, Porto, n. 4, 2024. DOI: 10.34630/tth.vi4.5701. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/trendshub/article/view/5701>. Acesso em: 8 nov. 2024.

ALVES, Mairielly Clemente Silva. **Violência patrimonial contra a mulher na constância de relações socioafetivas**. 2019. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Unievangélica, Ceres, 2019. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/6032>. Acesso em: 24 out. 2024.

AMARAL, Lucas. **Trends do momento nas redes sociais para manter-se atualizado**. 2024. Disponível em: <https://www.mlabs.com.br/blog/trends>. Acesso em: 08 nov. 2024.

BARRETO, M. C. **As meninas do TikTok: subjetividade e visibilidade na rede social da geração Z**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação -Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/20004>. Acesso em: 05 nov. 2024.

BASTOS, Hemilly *et al.* **Trends no TikTok e sua influência no streaming musical:: os casos Doja Cat e Olivia Rodrigo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Virtual. Anais [...] . Niterói: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/ij05/hemilly-bastos.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024.

BEZERRA, Lucas Sandrini; GIBERTONI, Daniela. **AS MÍDIAS SOCIAIS DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19: análise comportamental dos usuários durante este período e as possibilidades para o futuro**. Revista Interface Tecnológica, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 144–156, 2021. DOI: 10.31510/infa.v18i2.1239. Disponível em: <https://revista.fatectq.edu.br/interfacetecnologica/article/view/1239>. Acesso em: 7 nov. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL, **Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher [...]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 14 nov. 2024.

BRITO, Máisa Martins Lopes Araújo; COELHO, Gilson Gomes. **Feminismo Marxista e Psicologia: o trabalho reprodutivo na formação da subjetividade das mulheres**. Política & Trabalho, v. 55, p. 184-200, dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/issue/view/2661>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**. um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. 2018. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

BUTLER, Judith. **Quem tem medo do gênero?** São Paulo: Boitempo, 2024. 272 p. Tradução de: Heci Regina Candiani.

CERQUEIRA, Milena Góes de. **A aplicabilidade da Súmula 377 ao regime de separação convencional em uniões com violência patrimonial.** 2021. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/38597>. Acesso em: 25 out. 2024.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo: Boitempo. 2016.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na Justiça.** 5. ed. Salvador: Editora JusPodivm, 2018.

DIAS, Maria Berenice. **A Lei Maria da Penha na Justiça.** 8. ed. Salvador: Editora JusPodivm, 2022.

DRUMMOND, Thais Pires. **"Feminina, leve e feliz": ideologias de gênero no tiktok.** 2023. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/22337>. Acesso em: 11 fev. 2025.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** São Paulo: Editora Elefante, 2019

FELIPE, Zé; NATTAN. **Patrai.** Composição de: José Roberto de Sousa Silva. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-felipe/patrai-part-nattan-e-o-rei-da-batidinha/>. Acesso em: 27 fev. 2025.

FELIX, Victor Hugo. **O que é TikTok?** 2020. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-tiktok/>. Acesso em: 08 nov. 2024.

FRASER, N.; SOUSA FILHO, J. I. R. de. **Contradições entre capital e cuidado.** Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), [S. l.], v. 27, n. 53, p. 261–288, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16876>. Acesso em: 14 nov. 2024.

GARCIA, Marta. **A era do conteúdo rápido: uma tendência ou dependência?.** The Trends Hub, Porto, n. 4, 2024. DOI: 10.34630/tth.vi4.5716. Disponível em: <https://parc.ipp.pt/index.php/trendshub/article/view/5716>. Acesso em: 04 nov. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Editora Schwarcz, 2020. 361 p.

OPENKOSKI, Caroline Maria. **A relação do espartilho com o corpo feminino no século XIX.** 2023. 14 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Modelagem Criativa Com Ênfase em Sustentabilidade, Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Erechim, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ifrs.edu.br/handle/123456789/1834?show=full>. Acesso em: 25 fev. 2025.

LIMA, Kamylla Felício de. **Fidelidade residual: um vislumbre da dependência financeira institucionalizada da mulher vítima de violência patrimonial pelo cônjuge no ordenamento jurídico brasileiro.** 2023. 72 f. Monografia (Especialização) - Curso de Direito, Universidade Federal da Paraíba, Santa Rita, 2023. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/27633?locale=pt_BR. Acesso em: 14 nov.

2024.

PALMIERI JÚNIOR, Valter. “Gourmetização” da alimentação em uma sociedade desigual. **Carta Social e do Trabalho**, Campinas, n. 34, p. 33-38, jul. 2016. Disponível em: <https://www.cesit.net.br/wp-content/uploads/2017/10/Carta-Social-e-do-Trabalho-34.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2025.

PEREIRA, Gabriela Agostinho; ABRÃO, Jorge Antônio de Moraes. **Trad Wife: performatividade e controle de corpo no TikTok**. In: IV ENCONTRO VIRTUAL DA ABCIBER, 4., 2024, São João da Boa Vista. Anais [...]. São João da Boa Vista: Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura, 2024. p. 1-23. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposios/index.php/virtualabciber/virtual2024/paper/view/2484/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

PEREIRA, Rita de Cássia Bhering Ramos *et al.* **O fenômeno da violência patrimonial contra a mulher: percepções das vítimas**. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 206–235, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3653>. Acesso em: 17 fev. 2025.

RIBEIRO, Flávia David; SILVA, Edvania Gomes da. **Memória e estereótipos: o tema “mulher casada” nos principais diplomas civis brasileiros**. *Laplace em Revista*, Sorocaba, v. 4, p. 171-185, abr. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6275818>. Acesso em: 12 nov. 2024.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. 11. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1987. 119 p.

SILVA, Kamila Madureira da *et al.* BELA, RECATADA E DO LAR: se não os sou, ainda sou! existência e resistência das mulheres no contexto neoliberal. **Terra Livre**, [S.L.], v. 1, n. 62, p. 286-315, 19 set. 2024. Associação dos Geógrafos Brasileiros. http://dx.doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3486. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3486>. Acesso em: 11 fev. 2025.

SYKES, Isabel. From ‘girlboss’ to #stayathomegirlfriend: the romanticisation of domestic labour on tiktok. **European Journal Of Cultural Studies**, London, p. 1-19, 10 out. 2024. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/13675494241285643>.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, [S.L.], v. 68, n. 3, p. 60-61, set. 2016. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018. Acesso em: 02 mar. 2025.

TROPHY WIFE. In: **S.I. Cambridge Dictionary**. Cambridge: S.I, [2024]. p. 1-1. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/trophy-wife>. Acesso em: 08 nov. 2024.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. Tradução de: Waldéa Barcellos.

WULKAN, Marcelo. **Cinta modeladora funciona?** Disponível em: <https://drwulkan.com.br/cinta-modeladora-funciona/>. Acesso em: 06 mar. 2025.

ANEXOS

ANEXO A – Vídeo coletado do perfil de Bruna Testoni, referente a categoria 1.



ANEXO B – Vídeo coletado do perfil de Bruna Testoni, referente a categoria 2.



ANEXO C – Vídeo coletado do perfil de Bruna Testoni, referente a categoria 3.

